

**ANO 2 - VOL. 7**



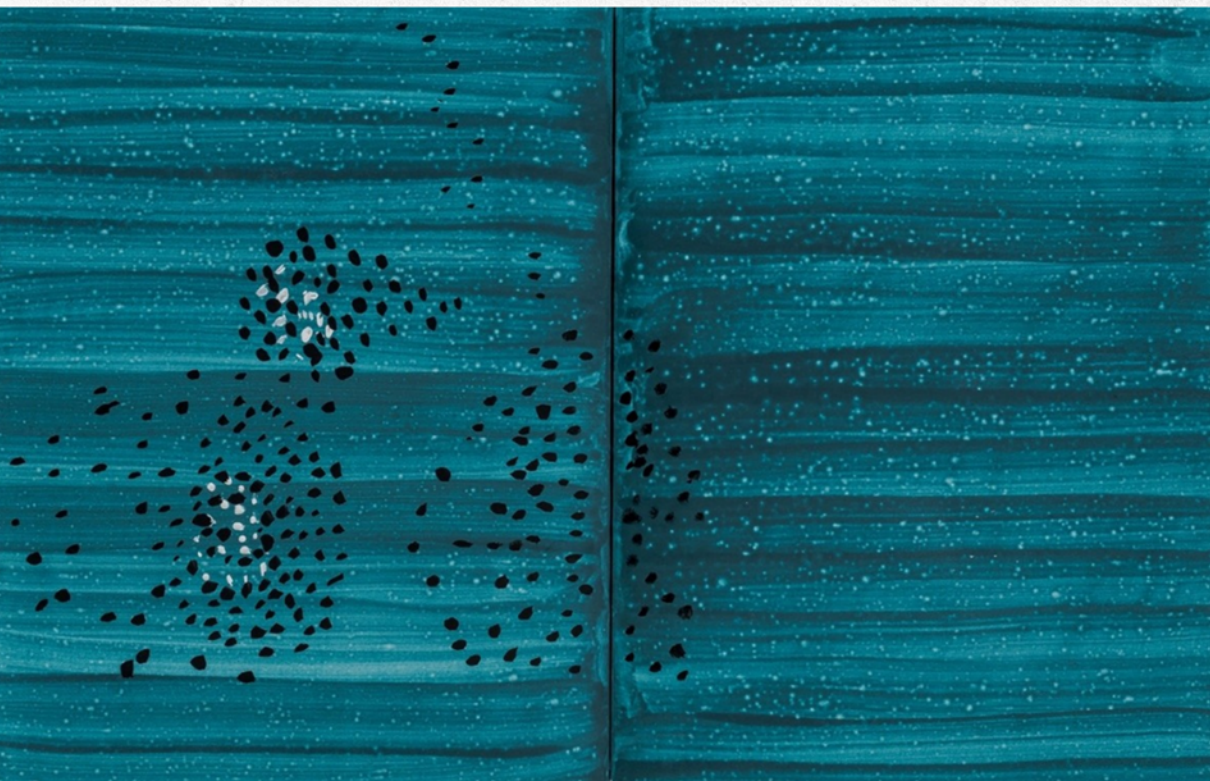
Coleção  
**PPLIN Presente**

# **LITERATURA PORTUGUESA**

**A PERSPECTIVA COLONIAL E OS IMPASSES DA ATUALIDADE**

---

**Claudia Amorim  
Madalena Vaz Pinto**  
(Organizadoras)



Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.  
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)

---

A524l Amorim, Claudia; Pinto, Madalena Vaz (org).  
Literatura Portuguesa: a perspectiva colonial e os impasses da atualidade /  
Organizadoras: Claudia Amorim e Madalena Vaz Pinto;  
Prefácio de Maria Luiza Scher Pereira.  
1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2025; figs.; quadros;  
(Coleção PPLIN Presente).

E-book PDF.

Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-85-217-0699-1

1. Crítica Literária. 2. Estudos Literários. 3. Literatura Portuguesa.  
I. Título. II. Assunto. III. Organizadoras.

---

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura Portuguesa – História e Crítica. 869.3009

**ANO 2 - VOL. 7**

Coleção  
**PPLIN Presente**

# **LITERATURA PORTUGUESA**

## **A PERSPECTIVA COLONIAL E OS IMPASSES DA ATUALIDADE**

---

**Claudia Amorim**  
**Madalena Vaz Pinto**  
(Organizadoras)



*Copyright* © 2025 – Das organizadoras representantes dos autores

*Coordenação Editorial*: Pontes Editores

*Revisão*: Zélia Guerra

*Editoração*: Vinnie Graciano

*Capa*: Acessa Design

*Ilustração da Capa*: Virgínia Mota

**Coordenadoras da Coleção PPLIN Presente**: Andréa Rodrigues, Gisele da Silva Colombo, Madalena Vaz Pinto e Maria Cristina Cardoso Ribas

### PARECER E REVISÃO POR PARES

Os capítulos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação e revisados por pares.

#### CONSELHO EDITORIAL:

**Angela B. Kleiman**

(Unicamp – Campinas)

**Clarissa Menezes Jordão**

(UFPR – Curitiba)

**Edleise Mendes**

(UFBA – Salvador)

**Eliana Merlin Deganutti de Barros**

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

**Eni Puccinelli Orlandi**

(Unicamp – Campinas)

**Glaís Sales Cordeiro**

(Université de Genève – Suisse)

**José Carlos Paes de Almeida Filho**

(UNB – Brasília)

**Rogério Tilio**

(UFRJ – Rio de Janeiro)

**Suzete Silva**

(UEL – Londrina)

**Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva**

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 – Jd. Chapadão

Campinas – SP – 13070-118

Fone 19 3252.6011

[ponteseditores@ponteseditores.com.br](mailto:ponteseditores@ponteseditores.com.br)

[www.ponteseditores.com.br](http://www.ponteseditores.com.br)

# DE MANCHETES E LEITURAS: AS POLÊMICAS E A RECEPÇÃO D'O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO<sup>1</sup>

Sara Grünhagen  
Universidade Aberta e CLP/UC

Mais duas cartas de leitores (poderei assim chamar-lhes?) que me intimam a salvar a alma antes que seja tarde. Um deles vai ao ponto de aconselhar-me leituras espirituais [...]. O outro epistológrafo é mais patriota: conjura-me a que tome rápido conhecimento de um desses vários opúsculos com que, à custa do *Evangelho*, alguns cidadãos portugueses têm exercitado os seus apetites escriturais e a sua sabedoria teológica. Já não sei qual remata a carta dizendo que rezará por mim. Obrigado.

José Saramago – *Cadernos de Lanzarote*.

“Deus é o mau da fita”: esta frase bem poderia ser de José Saramago, e a ele ficou ligada, mas saiu primeiro da pena do jornalista José Carlos de Vasconcelos, que entrevistou o escritor português para o *Jornal de Letras, Artes e Ideias (JL)* na época do lançamento d’*O evangelho segundo Jesus Cristo*, em novembro de 1991. A afirmação é usada como título do artigo e surge quando, concordando com o jornalista,

---

<sup>1</sup> Uma versão modificada deste estudo foi publicada em Grünhagen, 2023, p. 227-244.

Saramago diz que, no romance, “Deus de certo modo é de facto o mau da fita” (Vasconcelos, 1991, p. 8).

A frase vai repercutir,<sup>2</sup> inclusive em trabalhos acadêmicos (Bueno, 1997, p. 7), e é certo que a entrevista em si, as polêmicas e conhecidas opiniões de Saramago sobre o Deus do cristianismo e mesmo a narrativa do romance de certa forma corroboram a visão de que “Deus é o mau da fita”. Saramago, aliás, posicionou-se a esse respeito de maneira mais elaborada na própria entrevista, mas recupero a falsa citação, e a entrevista como um todo, como um marco, algo prefigurativo, daquilo que viria a ser uma segunda narrativa desenvolvida em torno do romance: a narrativa das polêmicas, responsável por não poucos impasses na trajetória do escritor e na recepção da sua obra.

É possível que, ao menos nos primeiros anos após a publicação do *Evangelho*, esta segunda narrativa tenha se sobreposto à primeira, àquela do romance; mais ainda, não foram poucos os que basearam as suas críticas na chamada narrativa das polêmicas, admitindo que nem sequer chegaram perto do livro. Esta história é desagradável e, até certo ponto, conhecida, embora não nos seus meandros. Este ensaio propõe-se a retrazá-la em detalhes, resgatando algumas das principais personagens e publicações da época do lançamento do romance, com o fim de elucidar mal-entendidos que afetam, inclusive, a recepção acadêmica da obra de Saramago. Como se verá, permanece certo desconhecimento sobre parte da bibliografia que resultou desta polêmica, hoje de difícil acesso.

Se inicialmente o *Evangelho* fez correr muita tinta, e se isso pode até ter alavancado as vendas, como costuma acontecer em casos assim, a narrativa das polêmicas, centrada em discussões político-religiosas, pode ter obliterado o que é intrínseco a esse romance: a sua elaborada criação literária.<sup>3</sup> Fazer a história desta recepção problemática

---

2 Por ex., em um dossiê temático da revista *Miriam* sobre o romance, em que o redator diz que “a expressão é do próprio Saramago” (Bernardo, 1992, p. 18).

3 Aprofundo a análise literária deste romance de Saramago em Grünhagen, 2023, p. 245-438.

é uma forma de tentar resolver impasses, de mapear parte do “espaço de luta” que caracteriza o campo literário (Bertrand *et al.*, 2012, p. 1) e de esclarecer dúvidas bibliográficas e cronológicas, de maneira a permitir uma análise mais rigorosa da literariedade do romance, sem que se perca de vista o contexto maior e a narrativa das polêmicas que o envolveram e, possivelmente, ainda o envolvem e continuam influenciando a sua recepção.

Desde já, uma ressalva: a entrevista de Vasconcelos foi bem-feita e cumpre o papel de dar a conhecer e divulgar o romance. Ela é uma de várias que saíram no final de 1991, destacando-se por antecipar muito do que seria discutido a seguir. O entrevistador teve acesso ao original do livro e anuncia a sua publicação, primeiro no Brasil, a 4 de novembro de 1991, pela Companhia das Letras, com tiragem de 10 mil exemplares, e na mesma semana em Portugal, a 7 de novembro, pela Caminho, com tiragem de 50 mil exemplares (Vasconcelos, 1991, p. 8). O tom um tanto sensacionalista da introdução – e do título – da entrevista é justificado pela expectativa que se diz haver em torno dessa publicação, que superaria aquela das obras anteriores.

Para Vasconcelos, Saramago “não visa nem a popularidade fácil [...] nem muito menos o escândalo. Escândalo que, no entanto, não se estranhará se vier a surgir. Hoje já não há Inquisição [...], por isso o escritor não pode ir parar à fogueira ou ser por ela perseguido como um dos heróis do *Memorial do convento*” (Vasconcelos, 1991, p. 8). Em suas respostas, Saramago a princípio parece menos preocupado do que o jornalista com as polêmicas que poderiam resultar da publicação do *Evangelho*: “eu acho que a Igreja vai fazer de conta que o livro não existe. O que não significa que não surjam por aí alguns ataques, mas não será a Igreja directamente como instituição que vai produzir uma nota ou um comunicado” (Vasconcelos, 1991, p. 10).

A discussão sobre a possível reação da Igreja, assim como a menção ao ateísmo de Saramago, repete-se em outras reportagens publi-

cadadas no período que antecedeu o lançamento do livro, com títulos igualmente provocativos, chamando a atenção para o caráter um tanto herético do romance e do seu autor. É o que se verifica, por exemplo, nas entrevistas “Deus quis este livro” (a Torcato Sepúlveda) e “No meu caso, o alvo é Deus” (a Clara Ferreira Alves), ambas publicadas no dia 2 de novembro de 1991.

Ainda em outubro, temos “Uma biografia de Jesus, segundo José Saramago”, entrevista a Francisco José Viegas, uma das primeiras a sair, e que trata menos do livro e mais das opiniões políticas de Saramago, em especial, sua visão sobre o comunismo e sobre os acontecimentos da então União Soviética, que veio a se dissolver no final de dezembro daquele ano. Nesse cenário, vai ganhando consistência a personagem do autor comunista e ateu que, com esse livro, ainda nem publicado, passaria a integrar definitivamente o rol dos hereges. E foi sobretudo a essa personagem que membros da igreja católica, comunidade e políticos responderam.

Não se trata de uma relação de causa e efeito, mas percebe-se como entrevistadores e entrevistado também contribuíram para a criação dessa narrativa das polêmicas, na qual o romance em si tem um peso quase simbólico, parece importar menos que o aludido comunismo e ateísmo do autor. Ao mesmo tempo, o tratamento dado ao livro e a essas questões nas entrevistas citadas não tem nada de excepcional; tudo isso é próprio do gênero e do meio em questão e, repito, há méritos e pontos interessantes nos artigos citados, em especial naquele de Vasconcelos, que aborda a concepção das personagens, certas influências e diálogos intertextuais, o processo e o tempo da narração etc. Não foram esses, porém, os aspectos que inicialmente marcaram a recepção da obra, em especial na ala que o primeiro estudo sobre essa recepção, de José Barbosa Machado, vai designar de “católicos radicais” (Machado, 2012). Alguns exemplos servirão para mostrá-lo.

A 7 de novembro de 1991, na *Voz Portucalense*, semanário da diocese do Porto, sai um curto artigo assinado pelo padre Leonel Oliveira, cujo título, “Exutórios”, dá o tom da sua reação ao romance, lançado naquele dia em Portugal. O padre, já de início, diz que faz o seu comentário com base nas entrevistas publicadas no dia 2 (de Sepúlveda e Alves), que “dispensaram-me a penosa leitura dum livro anunciado e publicitado pelo seu próprio autor”, perguntando-se, então: “o que é que o terá levado a fazê-lo, agora? O desmoronar das suas crenças marxistas? Os Católicos não escondem a sua alegria pelo esboroamento do Império Comunista. Da parte de Saramago será uma vingança para que não nos ficássemos a rir?” (Oliveira, 1991, p. 4).

É verdade que, hoje, passados mais de trinta anos, chega a ser difícil imaginar essa relação direta entre o *Evangelho* e a União Soviética, mas o argumento foi usado repetidas vezes, assim como se insistiu muito na filiação partidária de Saramago. Naquele mesmo semanário, poucas semanas depois, outro redator, dando as suas “impressões de uma esforçada e rápida leitura”, condescende: “compreendo a dificuldade no momento porque passa o seu partido”, mas instrui quanto ao romance: “não gastem dinheiro com ele” (Azevedo, 1991, p. 7).

Há outras reações, mais agressivas, como “as linhas de denúncia e repúdio” de Pedro Lopes Quinteiro às “indecorsas sandices científicas e teológicas” de Saramago (Quinteiro, 1991, p. 3-4), ou, na mesma revista católica *Miriam*, embora sem passar para ofensas tão diretas, o artigo de António Rego, que conclui que “será natural que se relacione o aparecimento deste romance com o fim da tragicomédia do marxismo-leninismo, que continua a ser o grande credo do autor” (Rego, A., 1992, p. 10). O *Evangelho* ainda se torna tema do mês na edição de março de 1992 da revista, pois, segundo um redator, Saramago “pôs-me o sangue a ferver sobretudo com algumas das suas declarações em entrevistas à imprensa e à TV, designadamente ao *Jornal de Letras*” (Bernardo, 1992, p. 17), isto é, aquela de Vasconcelos.

Em alguns casos, assume-se que o livro, alvo das críticas, nem precisava ser lido, manifestando-se, porém, o imperativo de responder aos posicionamentos de Saramago na imprensa. Mesmo naqueles artigos que chegam a abordar o romance em si, as leituras propostas não aprofundam mais do que aquilo que já ficara dito nas entrevistas – é o caso das constantes comparações com Salman Rushdie e os seus *Versos satânicos* (como em Oliveira, 1991, p. 4, e Rego, A., 1992, p. 10), que Vasconcelos já antecipara, negando-as. O ponto comum desses textos, para além de uma certa recusa em ler o romance e em lê-lo como romance, é o exercício de desautorização do autor que, por quem é, por suas opiniões e filiações ideológicas, teria passado dos limites ao tratar de temas e figuras considerados do âmbito da religião.

Essa atitude repercute mesmo nos textos dos ditos “moderados”, segundo a divisão de Machado (2012), os quais arriscam um elogio ou outro à prosa de Saramago, mas insistem em sua inaptidão para falar do que seria sagrado. Um deles, que prefere não se deter “no romance propriamente”, diz que “quando Saramago trata do Homem, tem normalmente capacidade para o tratamento. Quando se mete... ‘onde não é chamado’, é normalmente um desastre” (Cunha, 1992, p. 6); e outro volta ao drama comunista, afirmando que Saramago “entrou na abordagem de temas que não compreende porque não os sente ou vice-versa, a sua formação marxista vulgarizando e razoirando valores cuja medida se perfila para além do ângulo de focagem da sua pobre, opaca e sinceramente distorcida análise” (Cardoso, H., 1992, p. 3). Que análise foi essa feita por Saramago, fica-se, mais uma vez, sem saber.

Houve também vozes dissonantes no meio católico, ainda que, a essa altura, a discussão literária praticamente não tivesse acontecido. Poucas semanas após o lançamento do livro, no dia 28 de novembro, um debate foi promovido pelo Centro de Reflexão Cristã, em Lisboa, com a presença de Saramago e do dominicano frei Bento Domingues. Segundo um relato publicado no *JL*, Bento Domingues havia lido o ro-

mance e dito que, embora o *Evangelho* de Saramago não tivesse “nada a ver” com o Novo Testamento, considerava-o “importante por contribuir para debater as implicações do poder sacrificial da Igreja ao longo da História” e por servir “para despertar o sono teológico que se vive neste País” (Praça, 1991, p. 5). Houve provocações dos dois lados, mas, ao que parece, o tom da discussão foi ameno, ficando, porém, de fora o romance em si.

Fato é que a mera aparição do romance e a discussão sobre o seu tema levaram a diversas outras publicações em um curto período, o que, conforme preocupação expressa por um articulista, pode muito bem ter ajudado a promover o livro (Quinteiro, 1991, p. 3). Tais textos constituem de certa forma um retrato da época, e de uma parcela da sociedade portuguesa da época. O relativo consenso nas opiniões e na abordagem do romance por parte de um representativo grupo social influenciou a recepção – e, arrisco dizer, a não leitura – do romance e preparou o cenário para o ato seguinte, a bem conhecida polêmica política orquestrada pelo então subsecretário de Estado da Cultura, em abril de 1992, quando do debate sobre a retirada do *Evangelho* da lista de concorrentes a um prêmio literário europeu.

Revistas a uma distância já grande, as proporções que o episódio tomou podem parecer exageradas. Não obstante, o mal-estar que a situação criou é evidente e teve consequências, não apenas para Saramago, que após essa repercussão saiu de Portugal, mas, também, e é esse ponto que tenho buscado enfatizar, para a recepção do romance. Relativamente pouco estudado – sobretudo em comparação com outras obras de peso do escritor –, o *Evangelho* ficou com o estigma de romance da polêmica (Preto-Rodas, 1999, p. 14), responsável pelo autoexílio de Saramago, o romance dos desafetos do autor.

Essa parte da história já é mais conhecida, e de tempos em tempos aparecem na imprensa artigos que retomam a polêmica, colocando

em destaque uma ou outra personagem.<sup>4</sup> A 25 de abril de 1992, sai no *Público* um artigo noticiando a exclusão do *Evangelho* da lista dos concorrentes ao Prêmio Literário Europeu (Sepúlveda, 1992b, p. 32b), o *Aristeion Prize*, um prêmio então recente, criado pela Comunidade Europeia (CE) e concedido anualmente a autores e tradutores, de 1990 a 1999. A indicação para concorrer ao prêmio era feita por representantes dos então doze países membros da CE, e em Portugal a seleção ficara a cargo do Instituto Português do Livro e da Leitura (IPLL), dependente da Secretaria de Estado da Cultura (SEC).

Segundo Sepúlveda, o subsecretário de Estado da Cultura, Sousa Lara, “deixou passar” três nomes da “lista alargada” elaborada pelo IPLL: Fiama Hasse Pais Brandão, por *Obra breve* (poesia), Pedro Tamen, por *Tábua das matérias* (poesia), e Agustina Bessa-Luís, por *Vale Abraão* (romance). Mais tarde, outros detalhes vieram à tona, e ao que consta a lista do IPLL era composta por apenas três nomes – Saramago, Tamen e Pais Brandão –, sendo de praxe, nesses casos, a SEC limitar-se a validar a lista sugerida pelo IPLL, para cuja elaboração havia consultado a Associação Portuguesa de Escritores (APE), o Pen Clube Português e o Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários. Houve, portanto, intervenção de Sousa Lara (Cardoso, M., 1992, p. 2).

A atitude do subsecretário tomou a dimensão de veto e censura, sobretudo a partir das declarações que fez com a repercussão do caso. Já no artigo do *Público*, a sua justificativa para excluir o *Evangelho* foi de que o romance “não representa Portugal”, afirmando, porém, o caráter pessoal da sua escolha: “não me pediram um julgamento sobre a obra inteira de Saramago, mas sobre este livro. Ora, há questões pessoais que me modelam, às quais não me oponho por questões de consciência pessoal” (Sepúlveda, 1992b, p. 32). Como negação, mais uma vez vem à baila o posicionamento político de Saramago: “esta minha atitude nada tem a ver com estratégias de venda, nem sequer com op-

---

<sup>4</sup> Ver, por ex., a extensa reportagem de 2017 no *Observador*, focalizando o ponto de vista de Sousa Lara (Vilela, 2017).

ções literárias. E muito menos com as escolhas políticas de Saramago. Não entrou em linha de conta o fato de ele ser comunista” (Sepúlveda, 1992b, p. 32). Se a questão não era política, também não era literária, Sousa Lara não havia lido o romance e, como afirmou, não se pautou por critérios literários (Vilela, 2017).

O caso tomou os jornais e chegou à Assembleia da República, presidida à época por António Moreira Barbosa de Melo (Partido Social Democrata/PSD), em plenária convocada pelo governo a 29 de abril de 1992, ocasião que, para muitos deputados, seria uma tentativa do governo de oferecer explicações ou melhorar a sua imagem diante daquela polémica cada vez mais acalorada. A sessão durou quase cinco horas, e o debate sobre “política cultural” teve repercussão imediata.<sup>5</sup>

Há que dizer que as atas da Assembleia dariam, hoje, um curioso roteiro teatral, com direito a didascálias e personagens quase caricaturais, opondo-se e ofendendo-se com discursos cômicos. A posição do governo relativamente ao prêmio europeu é criticada por vários deputados, e o debate na Assembleia vai esquentar com as tentativas de explicação de Sousa Lara, enfim chamado ao microfone. É nesse contexto que surgem as justificativas do subsecretário que mais repercutiram na imprensa:

O **Orador** [Sousa Lara] – Mas ainda não dei a razão fundamental que, com certeza, os senhores gostarão de ouvir. *Evangelho segundo Jesus Cristo* é uma obra que, a meu ver, atacou princípios que têm a ver com o património religioso dos cristãos, e não só da Igreja...

*Aplausos de Deputados do PSD*

**Vozes do PS** [Partido Socialista]: – Ah!

O **Orador**: – ... e, portanto, longe...

*Protestos do PS e do PCP* [Partido Comunista Português].

O Sr. **Octávio Teixeira** (PCP): – Fundamentalismo, não!

---

5 No mesmo dia, a fala de Sousa Lara foi transmitida, por ex., no *Jornal das Nove* (RTP2), segundo documentário assinado por Clara Ferreira Alves (1995).

O Sr. **Presidente**: – Peço silêncio, Srs. Deputados.

O **Orador**: – ... e, portanto, longe de unir os Portugueses, dividiu-os naquilo que é um património espiritual.

O Sr. **António Abreu** (PCP): – O senhor não tem formação cultural!

O Sr. **Lino de Carvalho** (PCP): – Voltou a Inquisição!... (Diário da Assembleia da República, 1992, p. 1759).

Recupero essa cena porque ela pode ajudar a entender a dimensão que a polémica em torno do *Evangelho* alcançou, e o quanto a controvérsia foi muito além dele – e teve pouco a ver com literatura. Em plena Assembleia da República, ânimos em polvorosa, debate-se uma certa ingerência do domínio privado na esfera pública, dos brios religiosos de Sousa Lara na decisão de riscar dos finalistas um romance cujo título e cujo tema o ofendiam. Mas há muito mais coisas em jogo.

Havia na época um debate acalorado em torno da reestruturação dos serviços da SEC e da aplicação do IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado) nos bens culturais. Saramago era membro da recém-criada Frente Nacional para a Defesa da Cultura, que se posicionava contra a proposta do então primeiro-ministro Cavaco Silva (PSD) de aplicação de IVA nos livros (Sepúlveda, 1992a), e a sua exclusão do prêmio também foi interpretada como um ato político (Cardoso, M., 1992, p. 2).

O romance de Saramago entra, então, no meio de uma disputa entre partidos e políticas, e, mesmo quando se trata de defender o escritor, a pauta parece ser outra: “não os desculpes, Saramago!”, diz em dado momento o deputado Octávio Teixeira (PCP), “foi-se a inquisição; querem agora importar o fundamentalismo, tanto nos impostos como na cultura” (*Diário da Assembleia da República*, 1992, p. 1779).

Com a publicização do caso dentro e fora do país, chegando mesmo ao Parlamento Europeu (Vieira, 1992, p. 32), o governo ficou com a pecha de censor e acabou por voltar atrás na decisão de Sousa

Lara – que, no entanto, só veio a pedir demissão em novembro de 1992 (Vilela, 2017). Mas o teatro político e religioso, e a suspeita concordância das duas esferas em alguns momentos, ainda durou bastante.

Em junho, chegou a haver um jantar de homenagem e apoio a Sousa Lara, com a presença, por exemplo, do “herdeiro da Coroa Portuguesa”, Dom Duarte Pio de Bragança, que, segundo uma reportagem, havia manifestado à imprensa o “vivo repúdio que nutre pela obra de Saramago e o grande apreço que a atitude de Sousa Lara lhe mereceu” (Braga, 1992, p. 38) – sem eufemismos, foi dele a frase de que o *Evangelho* era “uma merda”, confessando, porém, não o ter lido (Silva, 1992, p. 9; ver também Rego, S., 1992, p. 23).

Por outro lado, diversos políticos, figuras públicas e escritores, inclusive os outros finalistas do prêmio em questão, posicionaram-se em defesa de Saramago ao longo daqueles meses. O autor do *Evangelho* deu várias declarações à imprensa, aventando já a possibilidade de deixar Portugal – “ainda acabo por me ir embora, como tantos outros” (em Alves, 1992, p. 13). Mesmo com o escritor tendo se posicionado contra isto, o seu nome voltou à lista dos finalistas de Portugal ao prêmio – a lista inicial, com Saramago, Tamen e Pais Brandão.

Ao final de 1992, soube-se que o Prêmio Literário Europeu foi para o espanhol Manuel Vázquez Montalbán, por *Galíndez*. Não faltaram, porém, prêmios<sup>6</sup> a Saramago naquele ano. O que gerou maior repercussão foi o prêmio concedido ao *Evangelho* pela APE em junho de 1992, retomando velhas polêmicas e atijando as atuais.

Na altura já com quase setenta anos e uma produção e recepção impressionantes, com o auge que foi para ele a década de 1980, Saramago era considerado um preterido histórico do Grande Prêmio da APE, concedido pela primeira vez em 1983: naquele ano, *Memorial*

---

<sup>6</sup> Ao menos um em Portugal e três na Itália. No caso italiano, não se tratou especificamente de *Evangelho*: Saramago recebeu o Prêmio Internacional Ennio Flaiano por *Levantado do chão*, o Prêmio Literário Internacional Mondello, pelo conjunto da sua obra, e o Prêmio Brancati, também pelo conjunto da sua obra.

*do convento* (1982) havia perdido para *Balada da Praia dos Cães*, de José Cardoso Pires; mais tarde, *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984) não ganhara de *Amadeo*, de Mário Cláudio; *A jangada de pedra* (1986) não vencera *Um amor feliz*, de David Mourão-Ferreira; e, enfim, *História do cerco de Lisboa* (1989) fora preterido em favor de *Fora de horas*, de Paulo de Castilho.

Já nos idos de 1987, dizia Maria Alzira Seixo que, dos prêmios nacionais, Saramago havia ganhado “todos menos um, e essa falta só lhe aumentou o prestígio” (Seixo, 1999, p. 11). Não cabe analisar aqui o acerto ou não de cada júri, mas o fato é que a situação vinha gerando mal-estar, e o próprio Saramago, que de modo algum fugia à polêmica, já tinha se pronunciado no sentido de que não aceitaria o prêmio caso o ganhasse. Dadas as circunstâncias, decidiu aceitá-lo, “para não juntar o choque de uma recusa ao escândalo de uma exclusão”, mas o fez com a condição de que o valor em dinheiro (2 mil contos) fosse doado, em livros, para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).<sup>7</sup>

O prêmio da APE veio, então, “em condições de polêmica bem conhecida” (Vasconcelos, 1992, p. 8), que não morreu tão cedo. Bem recebido no mercado, o romance e o seu autor continuaram, porém, sendo alvo de numerosas críticas, algumas bastante hostis. Impressiona de imediato o número de publicações feitas em resposta ao romance ainda no ano de 1992, algumas das quais se pretenderam os primeiros livros de estudo sobre o *Evangelho*.

O livro de Manuel Reis, *A falsa questão ateísmo-teísmo: crítica necessária a José Saramago a propósito do seu último livro “O evangelho segundo Jesus Cristo”*, parece ter sido o primeiro do gênero, publicado em maio de 1992. É um texto difícil de categorizar. Com as suas modestas 152 páginas em formato pequeno, o livro dedica toda uma primeira parte a uma lista de trabalhos do próprio Reis, seguida de “textos

---

<sup>7</sup> Citação de Saramago e dados retirados de Vasconcelos, 1992, p. 8.

em exergo em jeito de *Leitmotiv*”, sem que a relação com o *Evangelho* fique clara. O romance vai ser citado só na página 19, em que se explicita o objetivo do livro: “dar a público o que consideramos essencial dessas nossas reflexões bem como do dossier de recortes e fichas acumuladas sobre a matéria” (Reis, 1992, p. 19). Há efetivamente uma seção com citações de falas em jornais da época, mas o restante compõe um quadro algo abstrato do pensamento do autor sobre questões metafísicas, com comentários pontuais sobre Saramago.

Há que desconfiar das intenções autopromocionais – acusação tantas vezes dirigida a Saramago – de algumas dessas publicações, que parecem utilizar o *Evangelho* como pretexto para outras discussões, polêmicas e exegeses.

O livro de Manuel Vieira Mendes, *O evangelho da história e o Jesus da fé, contra as ficções romanescas de José Saramago*, publicado em outubro de 1992, segue essa linha, adotando um tom mais agressivo, no estilo das primeiras críticas que apareceram em periódicos católicos logo após a publicação do romance. Também em formato pequeno, com 160 páginas e tiragem de 1500 exemplares, o livro já dá o tom das críticas na capa, com uma imagem do sagrado coração de Jesus e a frase “José Saramago cometeu a maior das infâmias: manchou um Homem que é Deus, Jesus Cristo!”

O objetivo do livro seria “colocar ao alcance dos menos instruídos na doutrina cristã, o melhor que encontrei escrito acerca do tema religioso em causa, contrapondo-o ao falso e blasfemo romance” de Saramago, um “antievangelho” (Mendes, 1992, p. 7). Mendes recupera e reafirma a linha de críticas pessoais feitas ao escritor – dando destaque às do arcebispo de Braga.<sup>8</sup>

O curioso é que, como de praxe nesse tipo de crítica, o romance em si não é efetivamente citado, e alguns trechos deixam claro

---

8 Cita-se uma homilia de D. Eurico Dias Nogueira, na época arcebispo de Braga, que, além de “excomungar” Saramago, esmera-se em adjetivar o livro (“blasfemo”, “difamador” etc.) e o escritor (“ateu pouco honesto e comunista obcecado”) (Mendes, 1992, p. 9-11).

que o autor desconhece a narrativa em questão: “conceber um romance com base no Evangelho Segundo Jesus Cristo, e não referir sequer um caso milagroso feito pelo divino Mestre, é deixar na sombra o poder divino de Jesus” (Mendes, 1992, p. 83), comentário que vai servir de mote para uma exposição homilética. O procedimento de Mendes repete-se relativamente a outras supostas omissões – relação entre Jesus e Deus, sermão do Monte etc. –, e o autor conclui concordando com a atitude “nobremente corajosa” de Sousa Lara e lembrando a sorte de Saramago “não ter, como Salman Rushdie, nenhuma seita fundamentalista à perna” (Mendes, 1992, p. 89, 97, 138, 154).

Os dois livros abordados bastam como exemplos, mas não foram os únicos. Ainda em 1992 foram publicados *O que é o “Evangelho Segundo Jesus Cristo” de José Saramago?*, de Luís Pereira do Barral,<sup>9</sup> e *A saga de Cristo segundo a teomania: a propósito de “O evangelho segundo Jesus Cristo” de José Saramago – à guisa de carta aberta ao autor – ma non troppo*, de Eleutério de Carvalho.

Em 1993, sai o livro mais conhecido e citado de José Moura de Basto, *Deus é Grande e José Saramago o Seu Evangelista*, com tiragem de 5 mil exemplares, além do livro de Dias da Costa, *O evangelista ateu: resposta ao Evangelho de Saramago*.

Se os autores, em geral, são praticamente desconhecidos, ao menos em termos acadêmicos, não se pode minimizar o impacto dessas obras no público leitor (de que Saramago dá testemunho em diferentes momentos nos *Cadernos de Lanzarote*) e a sua contribuição para aquela narrativa das polêmicas de que se falou no início: a discussão, nesses casos, não só excluiu o caráter literário do livro, como, tantas vezes, nem sequer tratou do *Evangelho* em si.

Muitos desses textos talvez não fossem dignos de nota em um trabalho acadêmico sobre o romance senão pelo fato incontornável

---

<sup>9</sup> Embora costume ser categorizado como livro nas bibliografias feitas sobre o *Evangelho*, a publicação consiste numa brochura pequena de apenas catorze páginas.

de serem os primeiros a tratar do *Evangelho*, compondo um *corpus* inicial, na falta de outro. Tanto é que eles chegam a ser referenciados em bibliografias passivas realizadas, sobretudo a partir do prêmio Nobel, mas cujos critérios de elaboração nem sempre são muito claros.

Na extensa compilação de trabalhos sobre o autor feita por Liparulo, por exemplo, verifica-se que, dos seis livros sobre o *Evangelho* citados, cinco inserem-se naquele gênero das polêmicas: Barral, Basto, Carvalho, Mendes e Reis (Liparulo, 1999, p. 69-95). O mesmo ocorre na bibliografia “de estudos críticos selecionados” (“*Selected Critical Studies*”) por Klobucka: dos quatro livros listados sobre o *Evangelho*, três deles não poderiam de fato ser caracterizados como estudos sobre o romance – a saber, Basto, Costa e Reis (Klobucka, 2001, p. 274-276). Mesmo mais recentemente, na biografia de Saramago assinada por Miguel Real e Filomena Oliveira, são incluídos na bibliografia passiva, em meio a uma série de publicações mais conhecidas de análise da obra de Saramago, seis dos cinco livros sobre o *Evangelho* aqui citados – os mesmos da listagem de Liparulo –, embora a eles não se faça referência no corpo do texto (Real e Oliveira, 2022, p. 725-736).

Como aconteceu com outras obras de Saramago, o Nobel vai marcar a aparição de estudos mais aprofundados sobre o *Evangelho*, a maioria artigos, sem que o romance ocupe, em termos de produção bibliográfica, um lugar comparável ao de *Memorial do convento* e *O ano da morte de Ricardo Reis*, dos mais conhecidos e estudados do autor.

Convém notar a distância qualitativa entre as reações mais agressivas e imediatas à obra e os estudos acadêmicos que vieram depois, distância essa que aponta para um aspecto inegável de qualquer produção escrita: uma análise aprofundada requer muito mais tempo e estudo do que aquele tipo tão recorrente de resposta que, elaborada no calor da polêmica e valendo-se de argumentos *ad hominem*, reafirma dogmas conhecidos, opiniões já formuladas e posições políticas do momento, não raro alheios à matéria em debate.

Passadas mais de três décadas, as polêmicas político-religiosas em torno do *Evangelho*, que agitaram os últimos meses de 1991 e o ano de 1992, podem parecer um episódio distante e datado. Não é fácil mensurar essa repercussão, mas é fato que ela não se restringiu ao período imediatamente posterior ao lançamento do livro: o debate voltou à tona na época do Nobel, com o posicionamento ressentido do Vaticano e o comunismo de Saramago sendo amplamente explorados pela imprensa,<sup>10</sup> e é ainda hoje visto como um ponto crucial no percurso biográfico e literário do autor.

A pergunta espinhosa que toda essa polêmica vem colocar é: a quem pertence, afinal, o direito de falar sobre aquilo que, na cultura judaico-cristã ocidental, é considerado sagrado? Dela decorrem muitas outras, que o próprio romance busca responder à sua maneira: por exemplo, há limites para a interpretação do texto dito sagrado, e para o cruzamento desse texto com a história das religiões que o apregoam? Mais: é preciso ser religioso para escrever sobre o texto bíblico, lê-lo ou estudá-lo?

Se a resposta do romance é sabidamente negativa – se o romance em si se constrói também como uma negação a um certo controle do discurso sobre textos sagrados e religiões –, a pergunta não é gratuita: constata-se, por exemplo, que mesmo no contexto acadêmico, “a história da Igreja tem sido vista sobretudo como o domínio de estudiosos intimamente identificados com a Igreja”, e o mesmo ocorre com a história judaica, do que decorre que muitos dos estudos feitos acabam sendo marcados por um tom algo enviesado.<sup>11</sup> Quando se trata da análise do texto bíblico em si, a identificação religiosa do estudioso com o seu objeto de estudo é ainda mais comum, sendo comparativamente poucos e recentes os trabalhos que fogem à regra.

---

10 Ver estudo de Preto-Rodas (1999, p. 17), que aborda as reações pós-Nobel relacionadas ao *Evangelho*.

11 “*The history of the Church has been viewed primarily as the domain of scholars closely identified with the Church*” (Kertzer, 1997, p. 301).

Essa longa tradição interpretativa ajuda a entender o tipo de reação ofendida que um romance como o *Evangelho* suscitou mesmo no final do século XX. Se, em função do seu tema, apenas aqueles com algum interesse em questões religiosas vão ler e estudar o *Evangelho*, a sua recepção será, e em muitos momentos foi, problemática. Para além das “heresias” e do que mais se atribuiu apressadamente ao romance, há muito o que estudar nesse *Evangelho*, mesmo que não se possa esquecer a narrativa paralela que a sua publicação gerou, a começar porque o romance fala também da sua época e do seu país, que não soube lidar muito bem com um livro dessa natureza, tanto quanto daquele outro mundo que ele recupera, de mais de 2 mil anos atrás.

Para recriar esse mundo mais antigo, o do tempo da narrativa, Saramago realizou um extenso trabalho de pesquisa, tão complexo e aprofundado quanto aquele feito para romances como *Levantado do chão*, *Memorial do convento*, *O ano da morte de Ricardo Reis* etc., embora o *Evangelho* ainda não tenha gerado a mesma produção acadêmica de que outros romances de Saramago foram alvo. A minha hipótese é de que essa lacuna se relaciona tanto com a narrativa das polémicas – até hoje, são raros os estudos realizados em Portugal sobre esse livro – quanto com a temática do *Evangelho*: é maior a probabilidade de um investigador da área da literatura se interessar por uma criação que dialogue com a História, ou com Fernando Pessoa, Borges, Camões e outros, do que por um romance que se constrói a partir do texto bíblico. São cânones diferentes, ou diferentemente percebidos. Essa constatação fala, porém, mais da situação dos estudos literários do que do mérito do romance de Saramago, e talvez o cenário possa mudar a partir do momento em que o texto bíblico seja amplamente lido e estudado pelo seu caráter literário.

Seja no plano estilístico, seja no plano da diegese, com uma narrativa que, recriada, é ao mesmo tempo marcada pela originalidade, convém reforçar que o *Evangelho* não é as polémicas que o cercaram e merece ser revisitado. Trata-se, como já disseram, de “um romance

do melhor Saramago” (Venâncio, 1992, p. 290) ou mesmo da “obra-prima de Saramago” (Bloom, 2005, p. vii).

## Referências

- ALVES, C. F. No meu caso, o alvo é Deus. *Revista Expresso*, p. 82-87, 2 nov. 1991.
- ALVES, C. F. *Saramago e a decisão de Sousa Lara*: “ainda acabo por me ir embora”. *Expresso*, p. 13, 2 maio 1992.
- ALVES, C. F. *Saramago: Documentos*. Documentário. Produção: Isabel Colaço. Realização: João Mário Grilo. RTP2, 1995. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/saramago-documentos/#sthash.9sw9Hxzu.TzpmCRnb.dpbs> Acesso em 14 de fev. de 2025.
- AZEVEDO, C. A. M. A propósito de um (im)puro romance que é um falso “evangelho”. *Voz Portucalense*, n. 44, p. 7, 28 nov. 1991.
- BARRAL, M. L. P. *O que é o “Evangelho Segundo Jesus Cristo” de José Saramago?* Braga: edição do autor, 1992.
- BASTO, J. M. *Deus é Grande e José Saramago o Seu Evangelista*. Lisboa: edição do autor, 1993.
- BERNARDO, M. O evangelho segundo Saramago e o mistério da cruz de Jesus. *Miriam – Revista Mensal de Actualidade dos Missionários Redentoristas*, n. 447, p. 17-24, mar. 1992.
- BERTRAND, J.-P.; Saint-Amand, D.; Stiénon, V. Les querelles littéraires: esquisse méthodologique. *Contextes*, n. 10, p. 1-12, 2012.
- BRAGA, I. Homenagem a Sousa Lara: Forças do Bem jantam no Guincho. *Público*, p. 38, 11 jun. 1992.
- BUENO, A. F. Deus é o mau da fita: algumas reflexões acerca do papel religioso na obra de José Saramago. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 7-16, 1997.
- CARDOSO, H. José Saramago e o seu Evangelho. *Lamego Hoje*, ano 6, n. 113, p. 3, jan. 1992.
- CARDOSO, M. E. (dir.). Demissão é possível. *O Independente*, p. 2, 15 maio 1992.

CARVALHO, E. *A saga de Cristo segundo a teomania: a propósito de “O evangelho segundo Jesus Cristo” de José Saramago – a guisa de carta aberta ao autor – ma non troppo*. Lisboa: edição do autor, 1992.

COSTA, D. *O evangelista ateu: resposta ao Evangelho de Saramago*. Rio de Mouro: Argon, 1993.

CUNHA, R. A escrita do Evangelho de Saramago. *Mensageiro de Santo António*, ano VIII, n. 2, p. 6, fev. 1992.

DIÁRIO DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA. VI Legislatura, 1ª sessão legislativa (1991-1992), I série, n. 56, p. 1747-1788, reunião plenária de 29 de abril de 1992, diário de 30 de abril de 1992.

GRÜNHAGEN, S. *A cor dos cabelos de Deus: a oficina de escrita de José Saramago*. Lisboa/Coimbra: Fundação José Saramago/Centro de Literatura Portuguesa, 2023.

KERTZER, D. *The Kidnapping of Edgardo Mortara*. New York: Random House, 1997.

KLOBUCKA, A. (Org.). *On Saramago. Portuguese Literary and Cultural Studies*, n. 6. Dartmouth: UMass, 2001.

LIPARULO, Teresa. Bibliografia sobre José Saramago. *Vértice*, n. 91, p. 69-95, jul.-set. 1999.

MACHADO, J. B. *Estudos de Literatura e Cultura Portuguesas*. Braga: Edições Vercial, 2012 [e-book].

MENDES, M. V. *O evangelho da história e o Jesus da fé, contra as ficções romanescas de José Saramago*. Porto: Livraria Fátima, 1992.

OLIVEIRA, L. Exutórios. *Voz Portucalense*, n. 41, p. 4, 7 nov. 1991.

PRAÇA, A. O Evangelho de Saramago na capela do Rato. *JL*, n. 491, p. 5, 3-9 dez. 1991.

PRETO-RODAS, R. A. Art for Reason's Sake. *World Literature Today*, v. 73, n. 1, p. 11-18, 1999.

QUINTEIRO, P. L. Péssimo serviço à cultura. *Miriam*, n. 444, p. 3-4, dez. 1991.

REAL, M.; Oliveira, F. *As 7 vidas de José Saramago*. Lisboa: Companhia das Letras, 2022.

- REGO, A. O evangelho segundo Saramago. *Miriam*, n. 445, p. 10, jan. 1992.
- REGO, S. L. O rei, o inquisidor e o herege. *Público*, p. 23, 28 jun. 1992.
- REIS, M. *A falsa questão ateísmo-teísmo: crítica necessária a José Saramago a propósito do seu último livro "O evangelho segundo Jesus Cristo"*. Aveiro: Estante Editora, 1992.
- SARAMAGO, J. *Cadernos de Lanzarote: diário I*. 3 ed. Porto: Porto Editora, 2016.
- SEIXO, M. A. *Lugares da ficção em José Saramago: o essencial e outros ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999.
- SEPÚLVEDA, T. Deus quis este livro. *Público*, p. 28-31, 2 nov. 1991.
- SEPÚLVEDA, T. José Saramago critica responsáveis da Cultura. *Público*, 10 maio 1992a. Disponível em: <https://static.publico.pt/docs/cm/autores/joseSaramago/terceiraVezCensurado.htm> Acesso em 14 de fev. de 2025.
- SEPÚLVEDA, T. Prémio Literário Europeu: Sousa Lara corta nome de Saramago. *Público*, p. 32, 25 abr. 1992b.
- SILVA, V. J. (Dir.). O livro é uma merda, diz em público D. Duarte Pio. *Público*, p. 9, 14 jun. 1992.
- VASCONCELOS, J. C. José Saramago: "Deus é o mau da fita". *JL*, n. 487, p. 8-10, 5-11 nov. 1991.
- VASCONCELOS, J. C. O evangelho segundo Jesus Cristo galardoado pela APE. *JL*, n. 520, p. 8-10, 23-29 jun. 1992.
- VENÂNCIO, F. Recensão crítica a *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago. *Colóquio/Letras*, n. 125/126, p. 289-290, jul. 1992.
- VIEGAS, F. J. Uma biografia de Jesus, segundo José Saramago. *Revista Ler*, n. 16, p. 26-34, 1991.
- VIEIRA, J. Santana isola Lara mas Cavaco não o demite. *Expresso*, n. 1.020, p. 1, 32, 16 maio 1992.
- VILELA, J. S. O veto ao Evangelho de Saramago, 25 anos depois. *Observador*, 25 abr. 2017. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/o-veto-ao-evangelho-de-saramago-25-anos-depois/> Acesso em 14 de fev. de 2025.

